

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA**

**CLAUDIA FERREIRA MENDES DE FARIAS FIORI**

**A ESCOLA NO SÉCULO XXI: REFLETINDO SOBRE A EFICÁCIA DO MODELO DE  
AVALIAÇÃO CONTEMPORÂNEO E EDUCAÇÃO INTEGRAL**

**Rio de Janeiro**

**2019**

Claudia Ferreira Mendes de Farias Fiori

**A ESCOLA NO SÉCULO XXI: REFLETINDO SOBRE A EFICÁCIA DO MODELO DE  
AVALIAÇÃO CONTEMPORÂNEO E EDUCAÇÃO INTEGRAL**

Artigo apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de Especialista em  
Educação Jesuítica, pelo Curso de  
Especialização em Educação Jesuítica da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –  
UNISINOS

Orientadora: Profa. Ms. Priscila Provin

Rio de Janeiro

2019

# A ESCOLA NO SÉCULO XXI: REFLETINDO SOBRE A EFICÁCIA DO MODELO DE AVALIAÇÃO CONTEMPORÂNEO E EDUCAÇÃO INTEGRAL

Nome da aluna: Claudia Ferreira Mendes de Farias Fiori

Nome da orientadora: Profa. Ms. Priscila Provin

Ao observá-la sob o prisma historiográfico, essa instituição ganha contornos de uma tecnologia: podemos pensá-la como um dispositivo, uma ferramenta ou um intrincado artefato destinado a produzir algo. E não é muito difícil verificar que, aos poucos, essa aparelhagem vai se tornando incompatível com os corpos e as subjetividades das crianças de hoje. A escola seria, então, uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI. (Paula Sibilia p. 13 2012).

## Resumo

Este artigo apresenta um convite a repensar sobre o processo de avaliação escolar. Para tanto, este texto se inicia com alguns olhares sobre aprendizagem e avaliação, tendo como pano de fundo os princípios da pedagogia inaciona, contexto no qual o presente artigo foi construído. Apresenta alguns dos reflexos do processo avaliativo que usamos na contemporaneidade e possibilidades para pensar em sua adequação aos novos tempos, incluindo a ideia de educação integral do aluno. As análises e as considerações finais foram desenvolvidas a partir das respostas de alunos e professores que responderam a diferentes questionários, que tiveram como foco a avaliação escolar, revelando muitos aspectos do modelo de avaliação atual e seus efeitos. Com isso, foi possível observar anseios de inovação dos professores em relação ao modelo de avaliar utilizado atualmente em nossa escola, assim como o impacto ainda causado por ele nos alunos, uma prática carregada de tensões, a qual, muitas vezes, não é compreendida como um instrumento de diagnóstico e de aprendizagem. Em detrimento disso, a nota segue sendo um fator determinante para a sua existência. Como embasamento teórico foram utilizados, dentre outros, os autores Santos Guerra (2003); Luckesi (2014); Projeto Zeitgeist Aprendizagem 2018, do Grupo Torus; Freire (2018); Pierre Lévy (2000); Sibilia (2012); Merije (2012); PEC – Projeto Educativo Comum (2016).

**Palavras-chave:** Avaliação. Aprendizagem. Diagnóstico. Cura Personalis. Inovação.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao falarmos sobre o tema “avaliação”, muitas coisas podemos escutar, como o fator da coerção, do medo, da relevância do instrumento, de sua congruência entre o ensino e a aprendizagem e até mesmo do prazer que alguns sentem ao encará-la. Frente a isso, percebemos o tamanho da importância deste processo: a avaliação escolar, no processo de ensino e aprendizagem se posicionando, muitas vezes, como um agente determinante de todo o processo. A questão principal é que a avaliação utilizada na contemporaneidade ainda segue um modelo muito antiquado que remonta ao século XVI, não correspondendo assim ao que pretende a educação do novo milênio, uma educação integral. Como então, adequar tal modelo aos preceitos da contemporaneidade? Como “salvá-la” de seu estigma discriminatório e produtor de desigualdade dentro do ambiente escolar? Como torná-la uma experiência fundamentalmente positiva para a educação do século XXI?

Com todo o avanço tecnológico que estamos testemunhando, é clara a reestruturação que nos aguarda no âmbito educacional. Nós professores estamos atuando em consonância com o nosso contexto que compreende nossos alunos, nossa prática e toda a mudança na sociedade atual?

Se a transformação convida o professor, o aluno, a família e a instituição a reavaliar antigas formas de atuar que seguem predominantes na ação educativa, precisamos rever o nosso modelo de avaliação já tão antigo e frágil frente às ferramentas que se apresentam. Nesse sentido, torna-se também necessário avaliar não só a aprendizagem, mas também o ensino (PEC p.50 2016). Precisamos refletir se o nosso sistema atual avalia de fato a aprendizagem significativa dos estudantes, na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com a proposta de ensino e aprendizagem, assim como o atual paradigma de avaliação como verificação de conteúdos retidos que acaba por dificultar a inclusão<sup>1</sup>, discriminar, dificultar o oferecimento de tratamento mais igualitário no ambiente escolar e que pouco se aproxima da nossa realidade atual, em que tudo é conexão. Nesse contexto, entendemos que a educação integral nos apresenta a proposta de formação da pessoa como um todo, pode contribuir para repensarmos o próprio processo de avaliação escolar. Podemos dizer que o mundo de hoje é um mundo onde aprender

---

<sup>1</sup> A inclusão aqui é entendida como um processo que possibilita não só a presença de todos no espaço da escola, mas sua permanência com aprendizagem.

de forma coletiva é uma tendência e que a informação está em toda parte. Nesse sentido, é possível acreditar na esperança de uma educação mais democrática e mais justa.

Falar sobre avaliação, para Santos Guerra (2015) significa ter consciência de seus valores éticos, sociais e políticos, além disso, compreendê-la como um instrumento de diálogo, compreensão e melhora. Este entendimento do autor dialoga com Hoffmann (2012, p. 21) quando afirma que o sistema de avaliação atual gera um antagonismo entre os atores - professor e aluno: "Ambos perdem nesse momento e descaracterizam a avaliação de seu significado básico de investigação e dinamização do processo de conhecimento".

Portanto, o que pretendemos tratar aqui é desse diálogo tão necessário sempre e, não menos agora, para seguir adiante. Com a obra de Santos Guerra é possível fazer uma leitura cuidadosa de pontos relevantes em nossa prática educativa. A partir de Luckesi (2007), é possível pensar a avaliação que precisamos para a construção de competências necessárias ao desenvolvimento do indivíduo contemporâneo que certamente atuará em um futuro ao qual ainda não podemos prever. Buscando conhecer como o processo de avaliação é compreendido pelos seus atores, escutamos professores e alunos, sobre suas percepções e expectativas com relação ao instrumento avaliativo.

Nas páginas a seguir, serão apresentadas algumas considerações sobre contexto do aluno, sobre as características da sociedade na qual está inserido e como ele aprende, passando pelas expectativas da educação no século XXI. A intenção de trazer esses aspectos é relacioná-los aos fundamentos do conceito de avaliação escolar. Ou seja, entendê-la como um instrumento potente de aprendizagem e não só com um fim em si mesmo, o que, ao contrário, o afasta de um processo pedagógico saudável e o torna um instrumento gerador de exclusão, competição e tensões como o medo e a ansiedade.

## **2 A Identidade Inaciana e a Educação Integral**

Falar sobre avaliação, não é só pensar no viés do aluno, daquele que é avaliado. Também, quando falamos em avaliação, é importante considerar que o sujeito professor, além de proporcionar práticas de avaliação para os seus alunos, também irá pensar em práticas de autoavaliação. Além disso, outra forma de a

avaliação estar presente na escola também é por meio da autoavaliação dos próprios alunos. Para tanto, independente se os sujeitos que se autoavaliam, sejam alunos ou professores, é preciso que os sujeitos se autoconheçam e que compreendam as suas contribuições e espaços nos contextos nos quais estão inseridos. Assim, encontramos alguns aspectos da pedagogia inaciana que entende a construção da identidade como um processo que não é individual, ela é uma interação entre o desenvolvimento pessoal e das influências sociais, logo é um processo de construção que nunca é concluído. Segundo a pedagogia inaciana, a nossa identidade pessoal compõe-se da história pessoal do sujeito, do sentimento corpóreo, de desejos, de temores, dos valores, crenças e de competências. Percebemos assim, que a identidade inaciana se apresenta como a forma que Inácio cultivou o seu estilo de homem do século XVI que seguiu os passos de Jesus e ensinou a outros a sua relação com Deus, com os outros, com o mundo e consigo mesmo.

Não é ideal dos nossos colégios produzir esses pequenos monstros acadêmicos, desumanizados e introvertidos; nem mesmo o devoto crente alérgico ao mundo em que vive e incapaz de vibração. (Arrupe, 1980. p.21)

A partir da citação de Padre Pedro Arrupe, realizada em 1980, considerada como a refundação dos colégios jesuítas, entendemos a perspectiva humanista da Educação Inaciana. Ela considera o sujeito como o centro do processo de aprendizagem, entendendo que nele se centra todo o senso de admiração e mistério. A educação na Companhia preconiza a bondade radical no mundo, portanto, as características da sua atuação é afirmar a realidade do mundo, ajudar na formação total de cada um, incluir dimensão religiosa à educação e ser um instrumento apostólico. Sendo assim, a tradição jesuítica de um processo educativo integral que tem uma perspectiva humanística busca ser integradora de diversos âmbitos que devem convergir para alcançar metas educativas, tentando responder às múltiplas exigências do aluno, ao seu contexto e às questões das ciências pedagógicas.

A educação integral ganha uma perspectiva mais ampla e contemporânea no documento Características da Educação da Companhia de Jesus, escrito em 1986, que expõe dois fundamentos para o conceito: consideração positiva do mundo e o estatuto constitutivo da pessoa, ou seja, mostra o objetivo da pedagogia inaciana “como o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos, potencialidades e virtudes da pessoa para torná-la equilibrada, convicta e praticante dos valores, líder no serviço aos outros” (PEC, 2017 p. 7)

A Pedagogia Inaciana busca formar pessoas em sua integralidade como cidadãos Competentes, Conscientes, Compassivos e Comprometidos (PEC 2016), ou seja, nessas competências, seria possível comprovar se esse ser estaria recebendo a educação desejada em toda a sua amplitude. Forma-se a pessoa em sua totalidade, com elementos de suas três esferas principais: a socioafetiva, a cognitiva e a espiritual. A partir disso, compreendemos a educação integral em todas as suas vertentes, impossível não vê-la como integradora, já que tal ser se contextualiza em uma família e em uma comunidade e se desenvolve para a mesma.

No Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação, trabalha-se com as quatro dimensões do processo educativo, em consonância com o Sistema de Qualidade da FLACSI<sup>2</sup>: organização; estrutura e recursos; clima institucional; família e comunidade local. Tudo orientado para a formação integral da pessoa humana, uma proposta ousada como é próprio da Companhia de Jesus, respondendo aos desafios de cada tempo de forma crítica, consciente e efetiva, empreendendo caminhos com coragem para renovar e inovar (PEC, 2016). É preciso pensar no aluno hoje e em um novo contexto ao qual está inserido. Esse contexto nos apresenta um mundo profundamente impactado pelo avanço tecnológico e ao mesmo tempo por profundas transformações sociais. Há demandas diferentes e, ao mesmo tempo, indivíduos que aprendem de forma diferente, em tempos e espaços que transcendem o ambiente escolar. Os professores precisam pensar em formas de contribuir com a formação desses diferentes alunos no seu gosto por aprender, não só no que se refere aos aspectos cognitivos, mas também aos valores éticos e religiosos, fundamentais para a educação integral. O objetivo de tudo isso é a excelência como fruto de uma construção coletiva de conhecimento, com um currículo integrado e integrador que resulte de vidas transformadas para o bem de uma nova sociedade (PEC, 2016).

Então podemos concluir que a identificação do indivíduo com a identidade inaciana acontece quando se estabelece uma correlação entre a nossa identidade pessoal e a proposta de Inácio. Tal identificação surge da espiritualidade que brota dos Exercícios Espirituais, a Espiritualidade Inaciana não pretende anular a singularidade de cada sujeito, ela pretende qualificá-la. Portanto, entendendo que a educação integral objetiva o desenvolvimento da pessoa, como pensá-la reduzida e

---

<sup>2</sup> Federação Latinoamericana de Colégios da Companhia de Jesus.

finalizada em uma nota, condicionada a um sistema que promove ou reprova, que imprime rótulos, que não ouviu o sinal dos tempos? De fato avaliamos da mesma forma como se avaliava em séculos passados, validamos predominantemente um modelo que somente mede e numera, reforça desigualdades e não reconhece diferentes inteligências.

É possível assinalar os principais traços que surgem quando acontece a identificação do sujeito com a identidade inaciana: busca de respostas e perguntas existenciais, autoconhecimento que estimula a humildade, modelo de vida de Jesus de Nazaré, gratidão a Deus – Magis<sup>3</sup>, aceitação da doutrina cristã, vida saudável, serviço, sentido de corpo e trabalho para o outro, discernimento para melhor proceder, sensibilidade para as necessidades alheias, princípio do bem comum, valores fundamentais como a verdade, a justiça e a liberdade. E como podemos mobilizar tais características em nossa ação educativa? Talvez a resposta esteja em, entre outras ações, buscar formas de usar o processo de avaliação como transversal ao processo educativo, utilizando-o para desenvolver a autonomia de aprendizagem por meio de instrumentos de autoavaliação, corrigindo erros e reconhecendo os acertos, assim como o autoconhecimento do aluno – metacognição<sup>4</sup>. Também torna-se relevante reconhecer a importância afetiva da avaliação (autoestima) e, ainda orientar, a retroalimentação desse esquema e, assim, estimular nossos alunos a trazerem a avaliação para dentro, incluindo-a no processo de aprendizagem.

Nessa linha, almeja-se uma educação de excelência e, para isso, é primordial pensar também em uma avaliação que conduza a essa excelência inspirada no Magis que, como conceito fundamental inaciano, propõe a busca de solucionar desafios maiores sempre e o reforço do objetivo de alcançar melhorias.

É a característica básica da educação jesuítica, a Cura Personalis<sup>5</sup> que visa desenvolver a autonomia, a autocorreção e a benevolência.

---

<sup>3</sup> Magis é um termo em latim que quer dizer o mais, o maior, o melhor. Palavra muito utilizada por Santo Inácio de Loyola, quer dizer que sempre podemos experimentar um avanço em relação àquilo que já fazemos ou vivemos.

<sup>4</sup> “Metacognição é o conhecimento que cada um tem dos seus próprios processos e produtos cognitivos ou de qualquer aspecto com eles relacionados; envolve monitoramento ativo e consequente regulação desses processos em relação à cognição, usualmente no serviço de algum objetivo concreto”.

<sup>5</sup> Cura personalis surge no contexto e se manifesta no ato humano para "dar" e "receber" um ato de transmissão e, portanto, recepção. Estabelece-se uma relação direta entre o que dá os exercícios e o que os recebe.



Pretendemos então, a partir das reflexões que se seguirão, dar significado ao modelo de avaliação que atenderia à demanda de formação contemporânea capaz de formar o cidadão do futuro.

### 3 A aprendizagem no século XXI

Pressupondo o aluno como centro do processo de aprendizagem, o currículo oferece oportunidades para que o conhecimento seja construído de diversas formas, individual e coletivamente, garantindo acompanhamento sistemático do aluno, do processo de ensino e de aprendizagem e dos modos de avaliação daquilo que se espera como resultado. A meta é garantir um caminho no qual ensino e aprendizagem sejam constantemente avaliados, evitando que a não aprendizagem seja entendida como responsabilidade exclusiva dos educandos. (PEC, 2016 p.46)

O polonês Zygmunt Bauman (2001) abordou a fluidez das relações no mundo contemporâneo em sua obra *Modernidade Líquida*. Ele a define como posterior ao mundo sólido, no qual fomos criados, e como um conjunto de relações que se apresentam em nosso meio contemporâneo como, por exemplo, a forte influência das redes sociais, os registros fotográficos entre outras coisas e que se diferenciam das que se estabeleceram em épocas passadas pela sua fluidez e volatilidade. Tem relação com a banalidade dos conceitos e princípios éticos, familiares e de tempo e, ainda, com o volume absurdo de informações que recebemos e que não conseguimos processar.

Bauman (2001) nos trouxe, com o conceito de mundo líquido, uma forma de compreendê-lo por sua capacidade de escorrer por entre nossos dedos, mas também, em um outro olhar, a possibilidade de ver isso como uma realidade que se revela também com grande capacidade de adaptabilidade e fluidez, conforme a interpretação de Gustavo Nogueira (*Zeitgeist Aprendizagem*, 2018), o que é muito inaciano, pois pedagogia inaciana convida a desenvolver o nosso olhar para o processo de aprendizagem humano, inspirado pelos exercícios espirituais. Neste processo, a pessoa humana é o centro e os exercícios espirituais formam parte de uma engrenagem de uma educação evangelizadora desde a experiência até a ação, que deve estar harmonicamente orquestrada com o tempo do aluno para que seus atores se desenvolvam com o outro e para o outro, caracterizando uma educação de serviço e justiça que devem ser elementos fundamentais na formação de um cidadão global.

Assim, o aluno, orientado pelo professor, pode assumir o protagonismo de sua aprendizagem e, então, ambos, professores e alunos serão eternos aprendizes ao longo da vida, totalmente conectados com o que se espera para a educação do novo milênio.

Encontramos no PEC (2016) a recomendação de renovar e inovar, o que coincide com as características de nosso sujeito contemporâneo que é hipercinético e precisamos entendê-lo e pensá-lo a partir do novo que se apresenta. Uma tarefa difícil a que temos, pois somos herdeiros de uma educação que perdurou do século XVI ao XX, de uma realidade sólida (BAUMAN, 2001) onde prevalece o conhecimento como modelo de troca e não como transformação e desenvolvimento, mas em nossos dias atuais precisamos reconhecer características desse sujeito, não como patologias, mas sim como habilidades imprescindíveis para o estilo de vida contemporâneo de sujeitos “hiperconectados”. Portanto, a instituição e professores precisam fazer uso de recursos e estratégias que os mantenham ativos para evitar a dispersão. E, conseqüentemente, criar um sistema de avaliação e autoavaliação que seja capaz de reforçar fortalezas, promover autoconhecimento, autorregulação e a metacognição. É fundamental, orientar nossos alunos de forma que desenvolvam não só competências técnicas, como também sociais e afetivas.

A ubiquidade ou onipresença, conceito que ressalta a faculdade de estar em diversos lugares no mesmo tempo, é proporcionada pelos aparelhos móveis e abriu um campo de veiculação de informações e entretenimento, mudando completamente o conceito de que tais mídias alienavam e afastavam as pessoas. Agora podemos não só encontrar e reencontrar pessoas, como também aprender em qualquer hora e em qualquer lugar. Muitas aplicações já descobriram isso, como o Instagram e o Facebook, desenvolvendo múltiplas funções em suas plataformas, uma revolução contínua nas mãos dos jovens. Descortina-se um recurso extremamente democrático e libertador e, conforme nos alerta Freire (2018), um instrumento a favor da curiosidade dos estudantes não pode ser descartado para uma educação emancipatória e não podemos fechar os olhos a tais recursos que viabilizam a aprendizagem. Entendemos então com Wagner Merije (2012 p.41)) que, “[...] hoje em dia, os recursos dos aparelhos celulares permitem que os sujeitos, dentre outras coisas, desenvolvam capacidades e habilidades importantes para a sua relação com o mundo, como exercícios de interpretação, síntese, categorização, criticidade, relação grupal, autonomia e criatividade.” E em breve, já se prevê que com a “internet

das coisas” a informação se libertará da tela e poderá aparecer nas paredes, nos objetos, nas pessoas e em qualquer lugar:

O acesso ao conhecimento que se constrói na relação do sujeito com o objeto do conhecimento tende a se modificar conforme a tecnologia que faz a mediação com a realidade (...) Nunca o cérebro humano precisou lidar, em um intervalo tão curto de tempo, com uma quantidade tão grande de dados, tornando muito diferente a filtragem, a decodificação, a reflexão e as relações entre as informações. (Abreu, 2012 p. 140)

Eis que a escola se vê perplexa entre problemas e dilemas de uma transição de eras: Educar para o futuro! “Os ‘nativos digitais’ (Mark Prensky) não esperam aprender para fazer, eles aprendem fazendo. Na escola do século XXI, o professor deve liderar o desenvolvimento dos seus alunos, orientando a busca de soluções, a pesquisa e a filtragem das informações” (Abreu p. 143) e, possivelmente, chegarão a muitas conclusões juntos. Tudo que vão aprender precisa fazer sentido. Nesse sentido, como continuar seguindo modelos de avaliação que só valorizem o conteúdo? Nossos alunos cada vez menos precisarão memorizar ou reter a informação, ela está em toda parte!

A imersão em um ambiente diferente faz aprender de modo diferente. Estruturam-se novas sinapses no cérebro, novos padrões de Pensamento. (Abreu, 2013 p.141).

A partir das constatações anteriores, quais mudanças, de fato, são esperadas no campo da aprendizagem no novo milênio? Já temos algumas pistas: aprender fazendo, aprendizagem significativa, seleção de informação relevante...

Considerando que falar de ensino e aprendizagem nos leva a falar também sobre avaliação, como avaliar tal processo contribuindo para a aprendizagem efetiva de todos?

Segundo Lilia Porto (Zeitgeist, 2018), o futuro da aprendizagem será ao mesmo tempo tecnológico e afetivo, descentralizado e dialógico. Nesse sentido, é fundamental pensarmos sobre como preparar nossos jovens para as importantes mudanças que ocorrerão na natureza do trabalho e para os cenários que se descortinam no século XXI. Muitas dessas mudanças ainda nem conhecemos, muitas profissões que terão nossos alunos ainda nem existem. Como prepará-los então, já que nos comprometemos com a educação integral? Segundo pesquisadores, empresários, cientistas, uma habilidade importante é e será a empatia, não só para a

inovação, mas também como uma urgência social. Portanto, nós professores, segundo Bárbara Olivier (Zeitgeist, 2018), precisamos criar em nossas salas de aula experiências de aprendizado fluidas, dinâmicas e potentes que levem nossos alunos a desenvolver habilidades como analisar, interpretar, conhecer, sentir, criar, falhar, ajustar, solucionar com um processo de avaliação contínuo que esteja a serviço da aprendizagem e de uma educação personalizada, conforme nos orienta o PEC (2016). Buscar foco nos preceitos do Magis, palavra muito pronunciada por Inácio de Loyola, para animar sempre a que experimentemos um avanço no que fazemos ou vivemos, para não termos medo de buscar novos desafios que objetivem melhorias.

Se o que se deseja é entendermos esse algo novo, o caminho pode estar na aproximação do outro, no desenvolvimento de uma mentalidade coletiva que gere inclusão e inovação, para assim alcançarmos uma transformação totalmente positiva. Para isso, devemos nos aprofundar na Cura Personalis que nos aproxima do outro na sua característica do acompanhamento, como um elemento constitutivo da formação e da educação jesuítica. O reforço em aceitar a diversidade é fundamental para a evolução, o futuro exigirá de nós autoconhecimento e aceitação do outro. O que se ratifica nos pilares fundamentais da educação da UNESCO: Aprender a conhecer + Aprender a fazer + Aprender a conviver = Aprender a ser.

Em nossos dias é importante compreender o que remodela o mundo, o espaço educacional, o significado de “Quarta Revolução Industrial” e seu impacto em nossa vida. Dividiremos nossos espaços com máquinas? Como a Inteligência

Artificial, a realidade aumentada e os chatbots<sup>6</sup> afetarão a “sala de aula”? Por exemplo, o SuperMemo é um bot que auxilia no estudo, com inteligência artificial, usa um algoritmo que lembra as matérias antes de esquecer-las. Outro exemplo, é o Machine learning que avalia redações em uma fração de tempo. Ainda por último exemplo aqui, sem esgotar as aplicações que já estão no mercado, o Watson ou assistente do professor é um bot que baseado em dados de fóruns, já responde às dúvidas mais frequentes dos alunos. Sem falar em aplicações que se dedicam à educação personalizada. Neste cenário, percebe-se uma mudança total de paradigma na educação e gerações que pensam de forma cada vez menos lineares e, que em

---

<sup>6</sup> Chatbot é um programa de computador que utiliza inteligência artificial cada vez mais aperfeiçoada para imitar conversas com usuários de várias plataformas e aplicativos, como acontece no Facebook e em sites de e-commerce.

um futuro bem próximo, funcionarão em hiperlinks. A memorização dos conteúdos perde a relevância, e a pessoa, o educando, é o centro do processo de desenvolvimento. O que de fato nos interessa, como professores, é sermos agentes da transformação, desenvolvendo habilidades e reforçando competências importantes para a formação integral de nossos alunos.

#### 4 Avaliar no século XXI: Coragem para inovar

Quando se trata de avaliação, consideramos essencial que se avalie tanto o ensino como a aprendizagem, uma vez que a finalidade do primeiro é o alcance da excelência no segundo. A avaliação da aprendizagem é sempre uma avaliação do ensino; trata-se do lugar pedagógico do acompanhamento da caminhada de alunos e professores. A avaliação como momento isolado de verificação do que foi retido de conteúdo ensinado faz parte de um paradigma superado que precisa ser revisto onde ainda for vigente. Cabe aos profissionais encarregados de acompanhar o trabalho acadêmico garantir que os processos de avaliação do ensino ocorram de maneira sistemática e em diálogo com a avaliação das aprendizagens.(PEC, 2016 p. 50)

Iniciamos as reflexões a seguir, abordando se o nosso sistema atual avalia de fato a aprendizagem significativa dos estudantes e se articula com o projeto pedagógico inaciano de ensino e aprendizagem ou está mais relacionado a um paradigma de um exame como verificação de conteúdos retidos. O modelo segundo o qual fomos avaliados já não satisfaz ao processo de formação do indivíduo do novo milênio, já entendemos que a sua compreensão da realidade se constrói de maneira completamente distinta da nossa. Para pensar em um modelo inovador, precisamos pensar no que valorizamos como avaliadores ou se mantemos alguns padrões que somente valorizam habilidades de menor valor, como por exemplo: se de alguma forma ainda usamos a avaliação como instrumento disciplinador de nossos alunos. Se não nos preocupamos em estabelecer uma contextualização para dar significado aos conteúdos que serão abordados. Se cuidamos para o que estamos atribuindo como valor no conhecimento acadêmico. Segundo Santos Guerra (2007), existe o “valor de uso” quando o conhecimento é útil, tem sentido, possui relevância, significado, desperta o interesse e gera motivação e o “valor de câmbio” quando o conhecimento é uma busca para conseguir uma qualificação, uma nota, uma vaga e, quando a incidência do valor de câmbio é maior é porque o único que importa é a nota. São muitas as perguntas que precisamos nos fazer sobre a nossa prática, uma boa estratégia é começarmos a se observar em sala e estabelecer uma criticidade

constante do processo ao qual somos responsáveis por orientar. Afinal, precisamos também pensar em como nos construímos como avaliadores, pois como define Santos Guerra (2007): avaliar é antes de tudo um processo ético.

Para Santos Guerra (2007), os fins de uma avaliação e as funções que cumprem são múltiplos e de uma perspectiva ética deve-se potencializar aquelas funções que enriquecem um profissional e a instituição: compreender, dialogar, aprender, melhorar, estimular, orientar. Na prática, as ações mais “pobres” não deveriam ter peso: classificar, discriminar, hierarquizar, competir, controlar... (MERIJE, p.17, 2007). Será que no modelo de avaliação que usamos é possível proporcionar aos alunos um processo que valorize as aprendizagens significativas e que ela seja parte do processo, não um fim? E sobre a autoavaliação, se for utilizada, ela é capaz de promover a metacognição necessária para o desenvolvimento da autonomia de nossos alunos e, conseqüentemente, estimular o seu protagonismo?

Mais adiante, continuaremos refletindo sobre a avaliação, a partir das expectativas de nossos professores e alunos, observando tensões como a coerção, a exclusão e a competição que a geram, ou são geradas por ela, em uma tentativa de entender os efeitos da avaliação em cada um. Segundo Luckesi (2006), tais tensões têm sua origem na forma com a qual a escola tradicional situa a avaliação como um processo de verificação e não de processo, modelo que dominou desde o século XVI até o século XXI.

Ainda segundo Luckesi (1995), a avaliação não se limita ao ato de entrega do objeto corrigido: “A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção de configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele. A verificação é uma ação que “congela” o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação (LUCKESI, p.93, 1995). Com isso, podemos entender a figura do professor como o grande mentor do processo de inovação que desejamos, ou seja, da construção de um processo de avaliação que de fato valorize as aprendizagens de nossos alunos em sua heterogeneidade e que ainda funcione como um importante instrumento de autoavaliação que desencadeará o seu desenvolvimento pessoal e humano. Ele representa o grande elo entre instituição, aluno e processo educativo.

Entendendo que aprender no século XXI é superar obstáculos, evoluir, errar e aprender com os erros muda totalmente a forma de lidar com a aprendizagem, pois nossos alunos estão em contato com muitas fontes de informação que nem

sonhávamos até pouco tempo atrás. Muda o contexto, muda a forma de aprender, e, conseqüentemente, é preciso mudar a forma de ensinar e de avaliar. Professores tornam-se mentores e têm a responsabilidade de estabelecer o elo que os levará ao encontro de todos esses fatores, fundamentais para o avanço que tanto desejamos. A avaliação pode ser um instrumento aliado nesta busca e, quem sabe, determinante. Segundo Santos Guerra (2007), a avaliação é um processo de diálogo, de compreensão e de melhorias. Por isso, ela pode ser para tomar dados, pode representar percepções, só não deve ser reduzida ao controle de resultados. A avaliação realizada somente no final do período para mensurar conteúdo absorvido e gerar uma aprovação/reprovação, não se valida em um processo de melhoria (docente e discente), portanto, não atende ao objetivo do Magis, da Cura Personalis, da educação integral e da educação do século XXI.

A importância da avaliação não só está presente no sistema educativo de nosso país, como também nos valores da pedagogia inaciana. Não podemos promover inovações no âmbito educacional sem pensarmos na avaliação como um componente fundante e condicionante do processo educativo. Nós professores precisamos avançar ouvindo o sinal dos tempos, precisamos avaliar a nossa prática como uma trilha em direção ao Magis, uma busca que precisa estar inserida no processo de avaliação e este processo avaliativo precisa servir a todos, docentes e discentes. Os indicadores inacianos precisam estar presentes em nossas atividades educativas, sempre iluminando nossa prática diária e dando sentido ao que aprendemos juntos todos os dias. Nós professores “construtores de sentidos” estamos responsáveis pela formação de jovens líderes para o serviço, sensíveis a tudo que os rodeia e prontos para atuar. Nesse sentido, é importante

[...] considerar que aprender juntos é um dos pilares da educação contemporânea, já que supõe participar e cooperar com os demais. (PEC 2016 p. 53).

Muitas são as perguntas para as quais ainda não temos as respostas, mas será essa nossa busca de nossos questionamentos e pesquisas que emanará a educação do futuro. É do agora que queremos falar, é agora que queremos atuar. Segundo Morin,

[...]a compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão

necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro. (p. 104, 2000)

Definitivamente, precisamos pensar na avaliação contextualizada, compreensiva, formativa, interativa, técnica (variedade de fontes, de momentos, de instrumentos) e como um instrumento ético. Ela deve considerar os esforços realizados, ser respeitosa com as pessoas e coerente com os conteúdos e métodos utilizados – Cura Personalis.

O atual processo de aferir a aprendizagem escolar, sob a forma de verificação, não é o ideal por diminuir as possibilidades de interferir na aprendizagem significativa do estudante, por ser um encerramento e não parte do processo de construção do saber escolar. Além disso, como já muito estudado, cabe citar o seu uso como um instrumento de controle disciplinador, por ser uma constante ameaça pelo fracasso pessoal e reprovação ao final do ano. O conhecimento, dessa forma, serve ao medo e não à relação saudável com o saber e o autoconhecimento.

Infelizmente, ainda avaliamos hoje em dia como no século passado através de provas, testes e simulados. Tais métodos são limitantes, lineares, previsíveis e rotulantes, pautados exclusivamente em resultados. Em outras palavras, os atuais instrumentos de avaliação muitas vezes costumam segregar os conhecimentos e, às vezes, não estimulam o pensar. Reforçam a desigualdade por partir de um errôneo pressuposto de homogeneidade e, com isso, destroem diferentes inteligências e promovem a exclusão. Ao contrário de tudo isso, precisamos preocupar-nos com a construção de uma ferramenta edificante, que promova uma visão da aprendizagem do aluno e do ensino oferecido pelo professor, possibilitando uma retroalimentação quando se faz um diagnóstico do processo e fornece elementos para refletir e estabelecer as melhorias necessárias, que desenvolvam a meta de cognição de nossos alunos com eficazes ferramentas de autoavaliação, que os ajudem a crescer no seu autoconhecimento. A educação do futuro está pensada dessa maneira e nos remete aos preceitos da Educação Inaciana da Experiência, da Reflexão e da Ação. Está feito o convite!

## **5 Dados da pesquisa: Expectativas e constatações de professores e alunos com relação à avaliação**

### **5.1 Entrevista com os professores.**



A partir de agora, vamos conhecer os resultados da pesquisa que buscam compreender um pouco do processo avaliativo ao qual participamos no Colégio Santo Inácio – Rio de Janeiro. Estamos tratando de expectativas sobre o processo de avaliação que adotamos atualmente. O formulário estava composto por 10 perguntas inspiradas no capítulo do livro “La Evaluación como Aprendizaje”: “Dime como evalúas que te diré qué tipo de profesional y de persona eres”, de Miguel Àngel Santos Guerra, e foi respondido por 24 professores (do 9º ano à 2ª série E.M.). Cada pergunta apresentava três opções de respostas, mas havia abertura para acrescentar um parecer mais pessoal os quais teremos o cuidado de apresentar aqui, pois consideramos devidamente importante relatar tudo o que lemos e que trouxeram uma riqueza imensa de visões que merecem ser contadas.

De acordo com as respostas, foi possível fazer interessantes considerações, como, por exemplo, que ainda não é uma prática a construção de instrumentos de autoavaliação (gráfico 1); outro importante achado da pesquisa é que os professores se preocupam em formular questões de acordo com a aplicabilidade das competências desenvolvidas (gráfico 3). Ainda, foi possível constatar que o aspecto disciplinador da avaliação (gráfico 2) não é um elemento de poder entre os professores e alunos, pois tal opção dentre demais possibilidades do questionário, não foi escolhida por nenhum dos professores questionados, o que nos mostra que a prática dos nossos professores não valoriza essa prática. Também importante ressaltar a preocupação em dar sentido ao conhecimento nas aulas de revisão, apesar de aparecerem alguns casos de reforço de conteúdo.

1. No seu componente curricular, você tem algum instrumento de autoavaliação da aprendizagem, do processo e do professor?

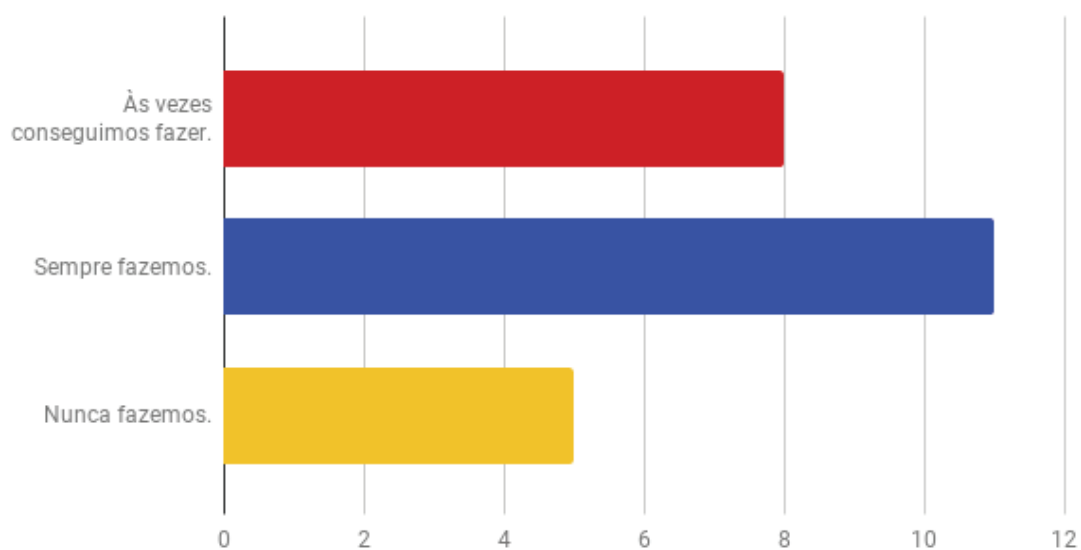


Gráfico 1

3. Preparando a minha avaliação:

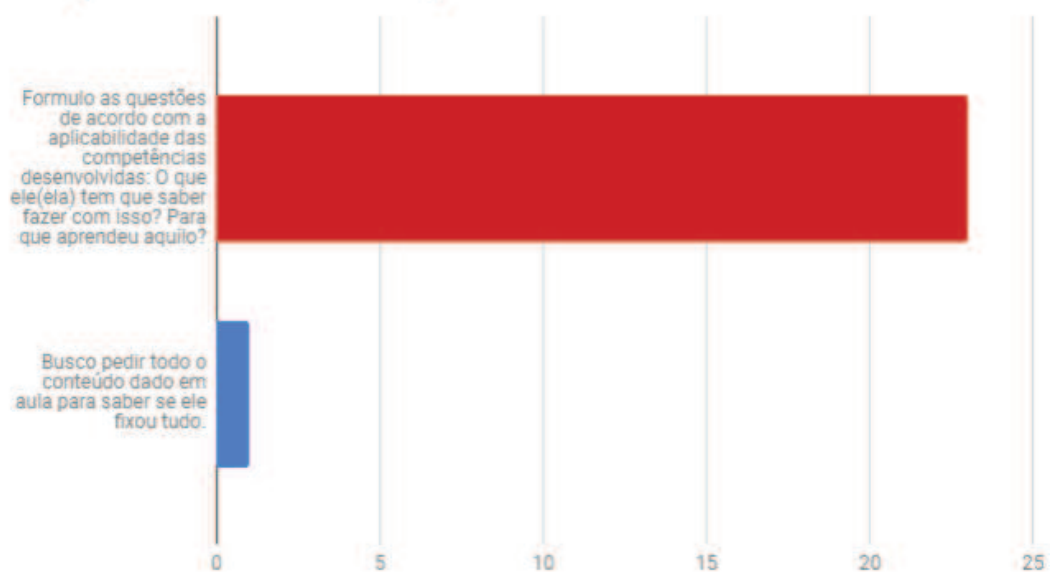


Gráfico 2

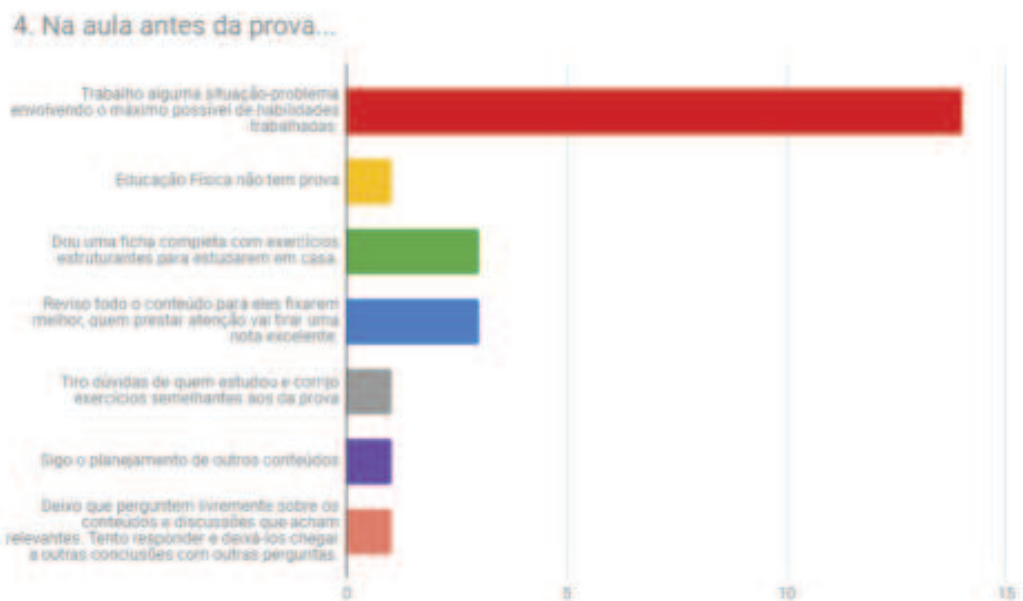


Gráfico 3

Sobre a correção da avaliação (gráfico 4), a maioria, 83,3%, dos entrevistados se preocupa em usar o diagnóstico para avançar, fazendo uma autoavaliação de todo o processo e de seus atores. Quanto à devolução (gráfico 5), 87,5% estimulam a criticidade de seus alunos para eventuais questionamentos sobre as questões e o instrumento. Com relação às avaliações recebidas pelos alunos (gráfico 6), 87,5% as tratam sem temor e interpretam como dados importantes para o processo. Sobre o foco de sua avaliação (gráfico 8), 66,7% focam em reforçar fortalezas, corrigir erros e propor avanços, 20,8%, que sua avaliação é um potente instrumento para medir conhecimento, 12,6% acreditam que funciona como reforço de competências e como elemento de evolução.

## 5. Corrigindo a avaliação...

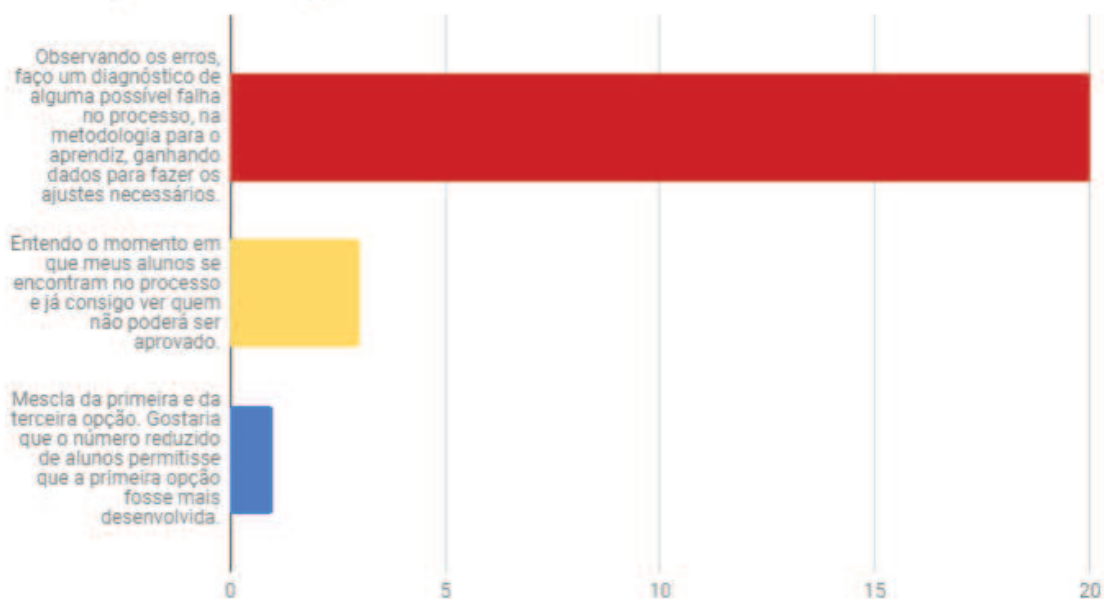


Gráfico 4

## 6. Quando devolvo

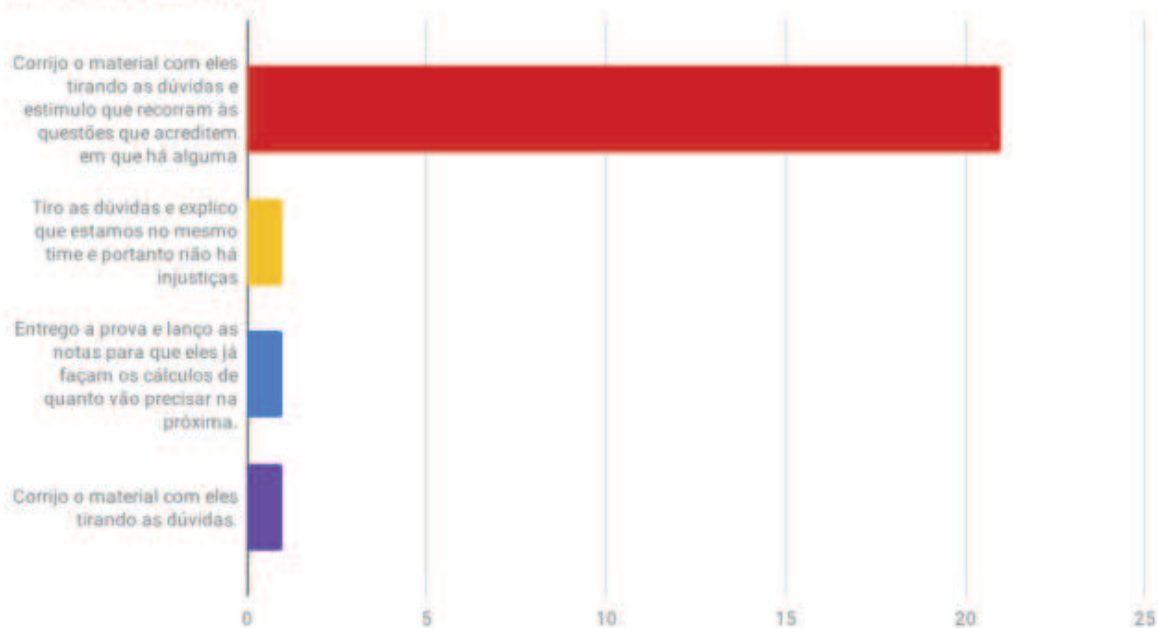


Gráfico 5

## 7. Sobre a avaliação dos alunos

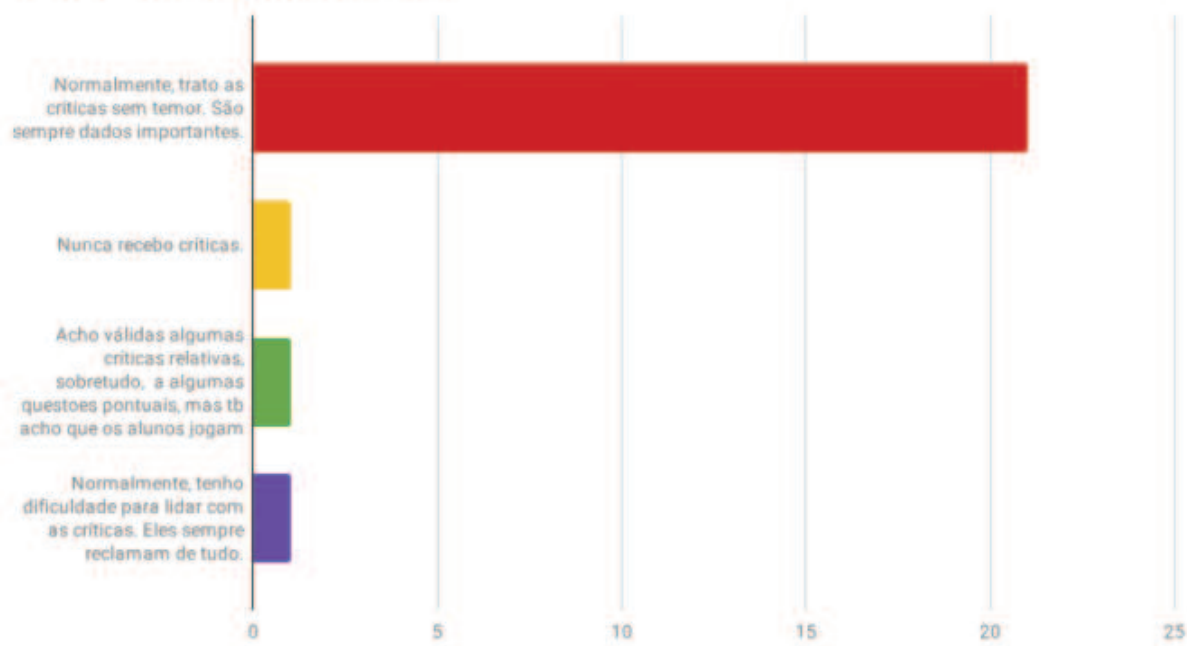


Gráfico 6

Quanto à construção de um instrumento inovador para avaliar a aprendizagem (gráfico 9), 83,4% expressam sua coragem para inovar e 16,8% expressam a prisão que o sistema representa para as tentativas de inovação. Por fim, os professores tiveram três metáforas para escolherem a que representava a sua ação educativa (gráfico 7):

### 2. Com qual das metáforas abaixo, você mais se identifica como docente?

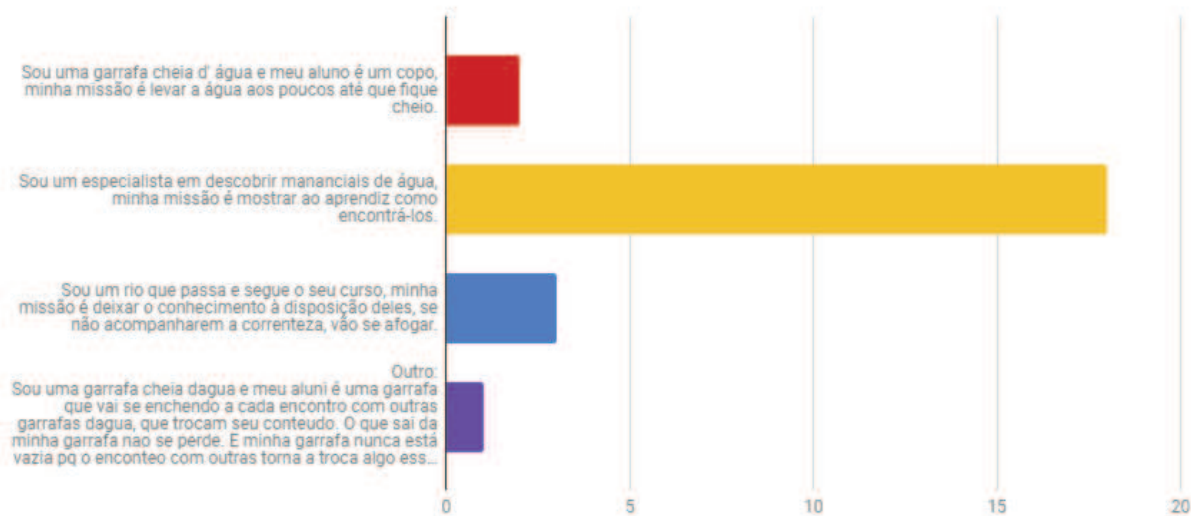


Gráfico 7

### 9. Minha avaliação tem foco...

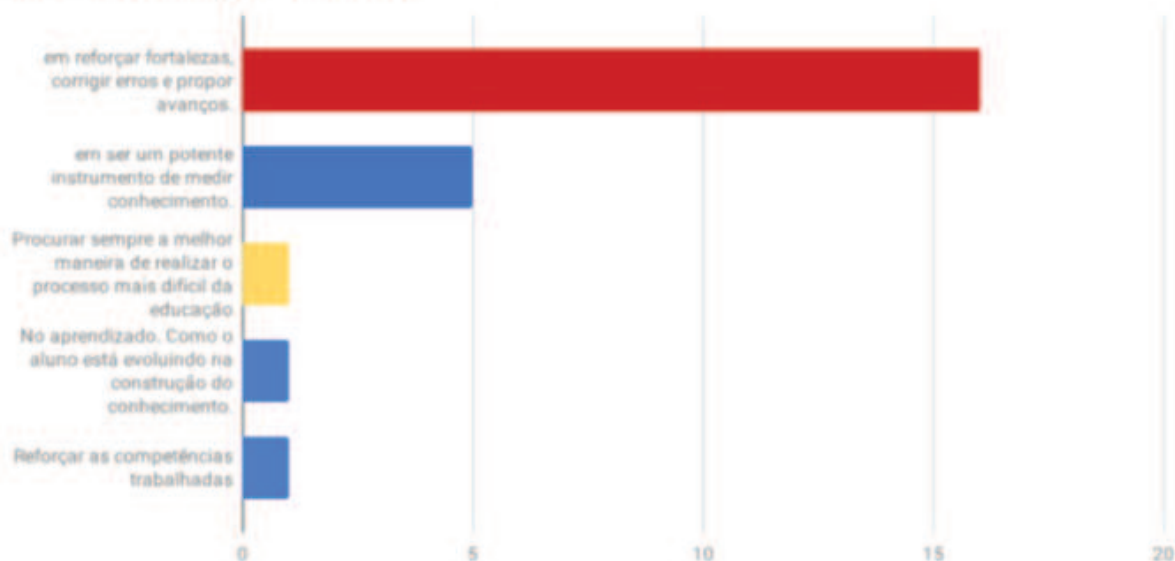


Gráfico 8

### 10. A opção que expressa o seu pensamento sobre avaliação

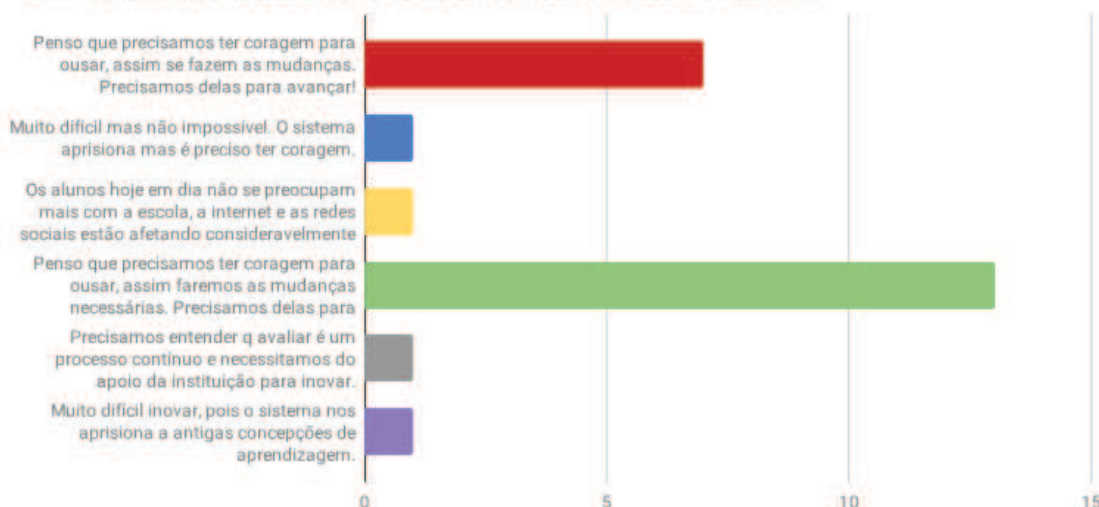


Gráfico 9

Analisando as respostas de nossos professores, percebemos o empenho e o desejo de valorizar a avaliação da aprendizagem. Não veem o aluno como único responsável quando a aprendizagem não ocorre, não convertendo a avaliação em um instrumento de poder o que geraria um clima de falsidades e de perversão. Percebemos também a abertura de nossos docentes às críticas, o que demonstra humildade e uma relação saudável com o saber, se veem como profissionais que

seguem aprendendo, embora ainda apareçam alguns que relatam a sua dificuldade em lidar com as críticas. Poder dizer isso já reproduz um efeito transformador que está em processo, pois ter a consciência e poder assumir tal fragilidade prova que esse sentimento já faz parte de um processo de autoavaliação. Mas também, é possível perceber um processo de avaliação fundamentalmente classificatório, onde o processo não conta muito e a nota ainda é um fator de grande relevância e o principal criador de tensões. Talvez isso se dê porque segundo Santos Guerra “[...] a avaliação apresenta poderosos fatores que a condicionam como prescrições legais, supervisões institucionais, previsões sociais e condições organizativas” (p.73 2017), e, como consequência, ela acaba condicionando o processo educativo. Como podemos ler, o sistema vigente de notas ainda aprisiona alguns profissionais que desejam inovar, assim ficamos no meio do caminho, sem saber se nosso aluno vem a nossa aula para aprender ou para conseguir uma nota, o valor de câmbio podendo superar o valor de uso.

## 5.2 Entrevista com os alunos.

A seguir, serão apresentadas as respostas dos alunos e as análises que foram realizadas a partir das suas percepções sobre a avaliação escolar. Ao todo, foram 11 perguntas respondidas por 85 alunos e foi possível acrescentar um parecer pessoal a cada uma das questões propostas.

A primeira pergunta (gráfico 10) foi sobre como eles se preparam para a avaliação, 49,4% responderam que se preocupam com a aplicabilidade dos conteúdos aprendidos, 48,2% usam como técnica a memorização e 2,4% não estudam. A segunda pergunta (gráfico 11) foi sobre como se sentiam antes de uma avaliação, 68,2% relacionaram sentimentos como o medo, o nervosismo e a ansiedade, 20% não se afetam e somente 11,8% relacionam com ânimo e curiosidade.

### 1. Na preparação para as avaliações...



Gráfico 10

### 2. Pouco tempo antes de fazer uma prova...

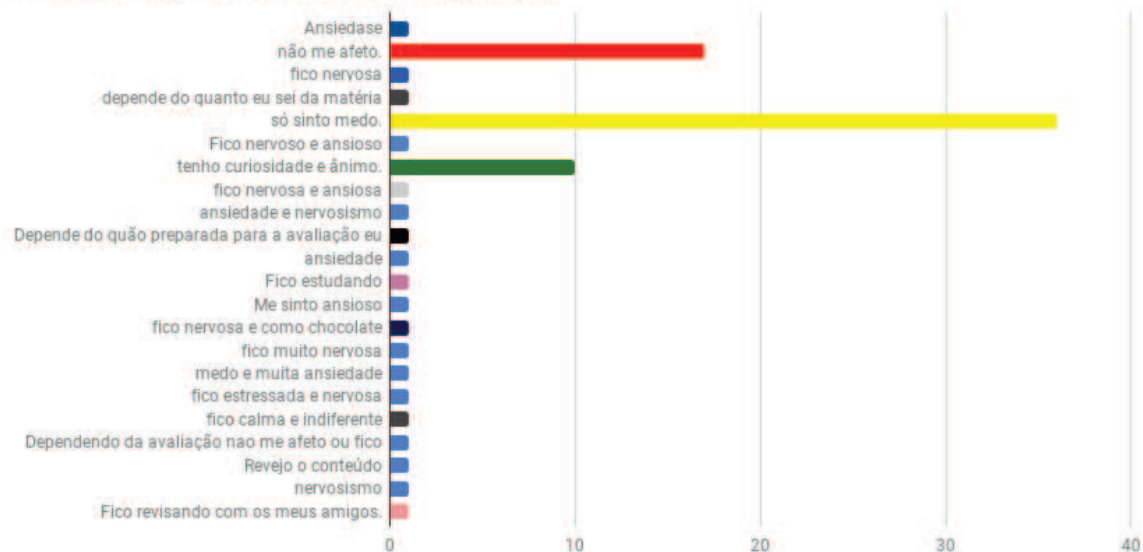


Gráfico 11

Quando questionados sobre o momento da avaliação (gráfico 12), 41,2% procuram entender o contexto para atender aos desafios propostos, 35,3% usam como estratégia fazer logo as questões que sabem para não esquecerem o que estudaram, 14,1% nunca entendem o objetivo de tudo que aprendem, mas têm



facilidade e tiram notas boas, 9,4% deram respostas variadas.

### 3. No momento em que estou fazendo uma avaliação...

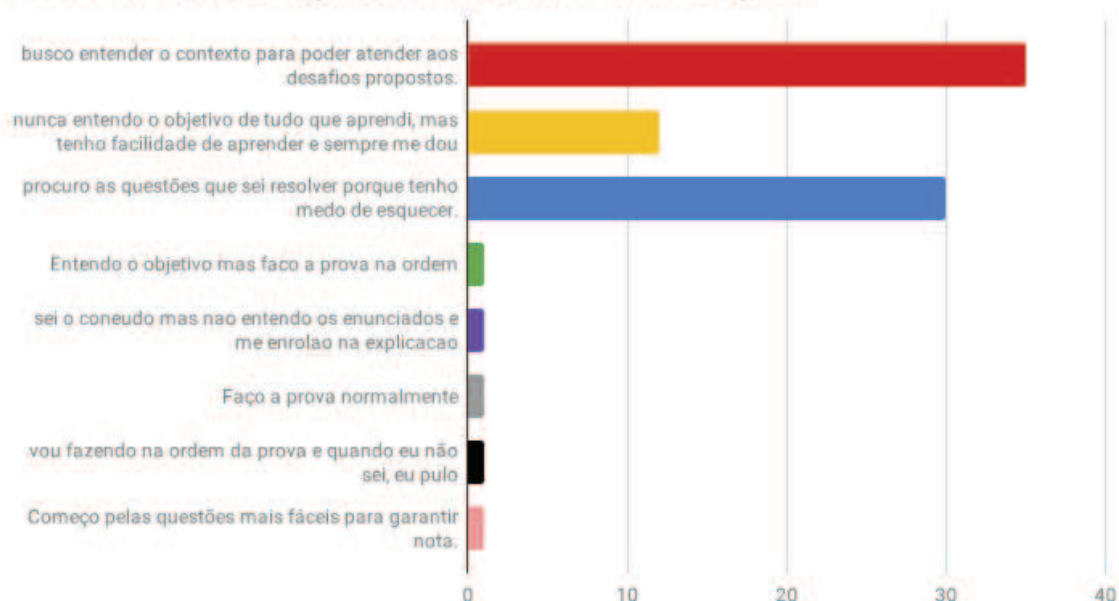


Gráfico 12

Em relação ao momento de entregar a avaliação, muitos alunos revisam tudo e acabam mudando itens em que têm dúvidas, outros não revisam porque a avaliação é longa e não dá tempo ou por não entenderem como possibilidade de ampliar seus conhecimentos.

Já em relação ao resultado da avaliação (gráfico 13), a maioria tem resultados satisfatórios e se preocupam em ampliar o que aprenderam. Quando recebem a correção, 62,4% marcam que sempre há espaço para questionamentos, 22,4% nem olham nada, só a nota, 10,5% dizem só questionar quando a nota é baixa, e 4,7% dizem que nunca podem questionar a nota, é sempre pior. Sobre o modelo de avaliação (gráfico 15), 36,5% sempre entendem seus objetivos, 34,1% marcam que a avaliação não lhes acrescenta nada, 16,5% não apresentam um contexto em que eles possam aplicar o que aprendeu, 3,6% dizem que sempre esquecem tudo logo depois da avaliação, 9,3% deram respostas variadas e nesse aspecto emerge uma preocupação, talvez eles não entendam os objetivos das avaliações e Santos Guerra (2007) nos alerta sobre a importância de estabelecer objetivos para a avaliação.

### 5. Quando recebo o resultado...



Gráfico 13

### 6. Sobre a correção...



Gráfico 14

## 7. Sobre a avaliação...



Gráfico 15

Em outros aspectos da avaliação (gráficos 16 e 17), 49,5% afirmam que a prova os ajuda a perceber o que está indo bem no processo e o que eles precisam ajustar, 31,8% afirmam que não têm preocupação com relação a isso, só interessam por se passaram ou não, 16,5% dizem que a avaliação faz com que eles percebam que não são muito inteligentes, e nessa dado fica mais claro o valor que é dado a nota e seu poder sobre as conclusões que os alunos conseguem chegar por meio do instrumento . A penúltima pergunta foi sobre o efeito da autoavaliação (gráfico 18), e 48,2% dizem que ela ajuda a ter consciência do próprio processo de aprendizagem, 24,7% não utilizam, 18,8% não entendem como funciona, 8,3% deram respostas diversas e aqui é possível entender que as autoavaliações que são realizadas provocam um efeito positivo e promove o autoconhecimento do aluno que se interessa por fazê-lo. A última questão foi sobre autonomia e eles responderam assim (gráfico 19): 52,9%, que ela é responsável por fazê-los sentirem-se mais donos da sua aprendizagem, 18,8%, que não gostam de pensar nisso, querem que o professor siga como sempre, com aulas, exercícios e provas, 17,6% não sabem como desenvolvê-la de forma segura e 10,7% deram respostas diversas como que gostam de ser autônomos, mas é cansativo, outros que se sentem autônomos adiantando-se ao que pede o professor, etc.

### 8. Ainda sobre a avaliação...

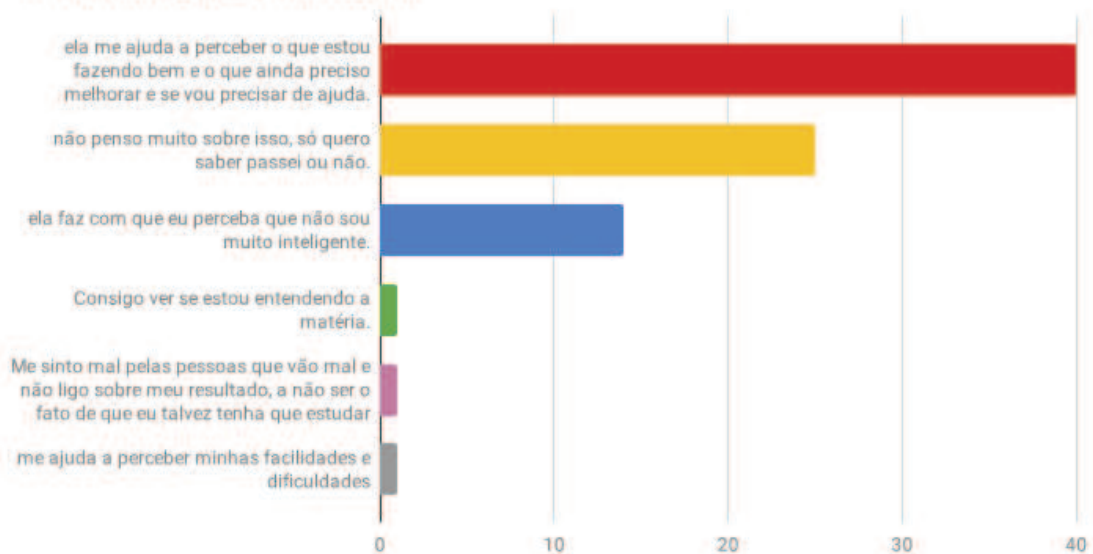


Gráfico 16

### 9. mais uma sobre a avaliação...

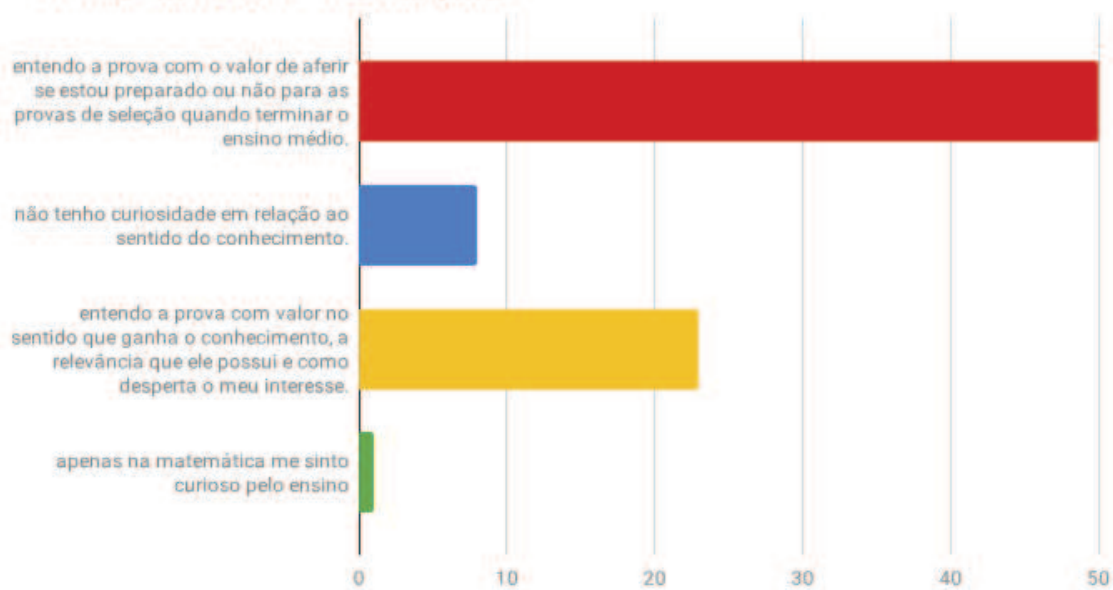


Gráfico 17

### 10. Sobre a autoavaliação...

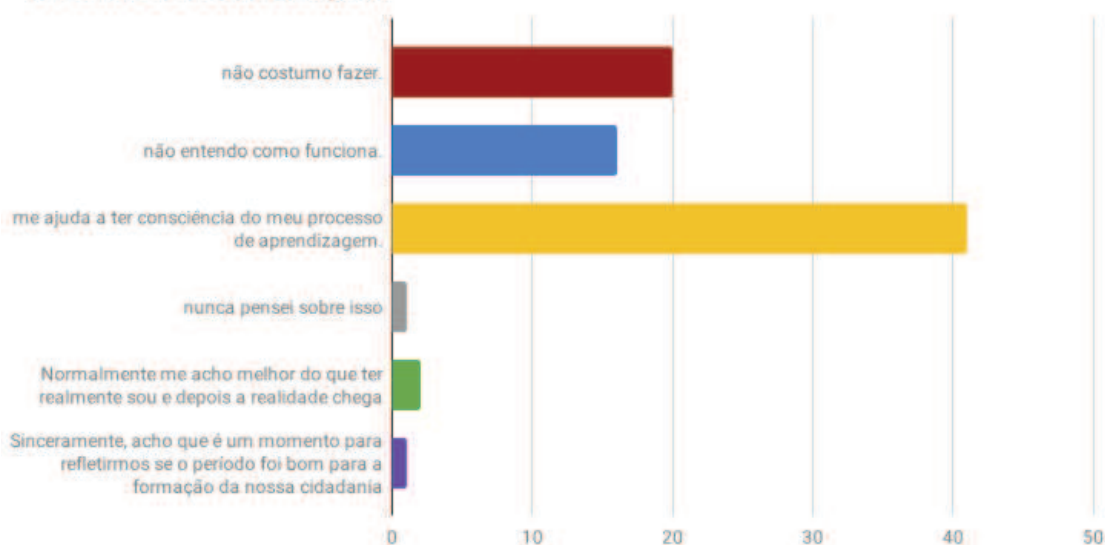


Gráfico 18

### 11. Sobre minha autonomia...



Gráfico 19

A análise das respostas de nossos alunos nos chama a atenção logo na primeira pergunta, pois vemos como eles interpretam a avaliação e vemos o recurso da memorização aparecer de forma muito forte quase se igualando aos que se preocupam mais com o desenvolvimento de habilidades para saber solucionar problemas. Na segunda questão, sobre sentimento e tensões relacionadas à avaliação, aparecem o medo, a ansiedade e o nervosismo de forma muito marcante, uma minoria vê o processo de forma positiva, ou seja, isso talvez mostre que eles não compreendem bem a que se destina, o que se confirma quando são questionados

sobre os objetivos da avaliação. A maioria responde não compreender bem o processo e que a avaliação não lhes acrescenta nada, o que acaba gerando uma falta de compromisso com a correção dos erros, com a busca pela melhoria, pela aprendizagem coletiva, com uma autoavaliação eficaz e a autorregulação do processo.

[...] nesse sistema a nota domina tudo e o medo é um combustível importante no processo de controle social e dele se aproveitam todas as esferas da sociedade porque ele gera submissão forçada, petrificando a ação [...]. (LUCKESI, p. 31, 2011).

Também, de acordo com as respostas, podemos concluir que os alunos gostam de experimentar a autonomia como a entendem, reconhecem que dá trabalho, fazendo com que uma minoria ainda prefira um processo de ensino e aprendizagem mais tradicional, e, por consequência, uma avaliação tradicional. A memorização aparece permeando todas as respostas, e acreditamos que é um dos fatores mais importantes a serem relatados aqui, pois, de fato, ela é um recurso muito usado por eles e a maioria consegue a “nota”, que mais uma vez aparece como norteador do processo, o valor de câmbio superando o valor de uso, novamente.

Santos Guerra (2007, p.111) nos adverte:

[...] la forma de practicar la evaluación potencia o debilita un tipo de operaciones intelectuales u otro según los criterios que fija el evaluador. Si se pide que se jerarquicen por orden de complejidad intelectual las siguientes tareas (todas importantes, todas necesarias) está claro que el orden tendrá carácter descendente. La de menor potencia será memorizar y la de mayor potencia, crear. MEMORIZAR, APRENDER ALGORITMOS, COMPRENDER, ESTRUCTURAR, COMPARAR, ANALIZAR, ARGUMENTAR, OPINAR, INVESTIGAR Y CREAR. Ahora bien, si se observa qué orden ocupan estas tareas en las pruebas y exigencias de la evaluación, probablemente esté invertido el orden. De esta manera, la evaluación estará puesta al servicio de las tareas intelectualmente más pobres. (...) La complejidad que encierra el proceso de evaluación es tan grande que resulta sorprendente el reduccionismo con el que frecuentemente se practica en el marco de las instituciones. Una de las causas de la simplicidad es un reduccionismo lingüístico que confunde evaluación con calificación.

Pelo que foi possível analisar por meio das respostas dadas é que o nosso sistema de avaliação ainda é muito semelhante a um processo de verificação e, conforme define Luckesi (p.45, 2011) , com esse modelo, “[...] além de não se obter as mais significativas consequências para a melhoria do ensino e da aprendizagem,

ainda se impõem ao educando as consequências negativas como a de viver sob a égide do medo, pela ameaça de reprovação [...]. O autor ainda acrescenta que a verificação transforma um processo dinâmico de aprendizagem em passos estáticos e definitivos e talvez seja esse o fator gerador do medo e da ansiedade, sentimentos aos quais nossos alunos relacionam o momento da avaliação, pois para surtir um efeito positivo, ela precisaria ter um efeito contrário, subsidiando o reencaminhamento da ação, possibilitando consequências no sentido da construção dos resultados que se desejam alcançar.

Concluindo, percebemos um movimento significativo de nossos docentes na busca de formas mais edificantes de avaliar nossos alunos, porém ainda não é possível sentir os efeitos ainda na formação dos nossos educandos. Eles ainda carregam as tensões que paralisam e reprovam, que criam competições e só aumentam a desigualdade no ambiente escolar, e, conseqüentemente, não colaboram para o seu desenvolvimento saudável.

Na crença de uma avaliação que melhora, que integra e que é justa, assim queremos o futuro, repleto de novidades que saberemos aproveitar em nosso desenvolvimento. Que tenhamos facilidade em adaptar-nos às mudanças que acontecerão no mundo. E, principalmente, que vejamos no outro um forte aliado nessa busca.

## **Considerações Finais**

El motor que impulsará la transformación y la mejora de la evaluación que realizan los profesionales es la comprensión que genera la investigación que realizan. (SantosGuerra, 2007).

Com a leitura do PEC (2016), entendemos que, na perspectiva da educação integral, a aprendizagem contribui para a pessoa como um todo, e não apenas para a sua dimensão intelectual. Também que o professor é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação de conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor. Todas as orientações anteriores se encontram na perspectiva da construção de uma avaliação da aprendizagem. Uma avaliação edificante que estabelece objetivos, que promove um diagnóstico do ensino e da aprendizagem, desenvolve a consciência de

autoavaliação e que promove uma retroalimentação, situando o aluno e estabelecendo soluções, fortalecendo a sua autoconfiança por meio da ideia de possibilidade de melhoria, seja por meio de ações próprias ou conjuntas. Acreditamos que esse cidadão global que queremos formar deva ser consciente de si mesmo e de seu potencial e que ele esteja em uma constante busca para fortalecer as suas debilidades. Que a nossa prática, de fato, transforme vidas para o bem de uma nova sociedade.

Por que se faz importante focar no tema avaliação depois de tanto tempo? Desde o século XX - no Brasil, a ideia de avaliação da aprendizagem só se difundiu no final de 1960 - as ideias circulam em torno de inovações no âmbito da avaliação, mas não é difícil encontrar atividades ainda muito presas a práticas do exame, um modelo sistematizado no decorrer dos séculos XVI e XVII, junto com a emergência da modernidade” (LUCKESI, 2011, p.23)

A emergência a qual se refere Luckesi, já não é mais a emergência da nossa contemporaneidade, em 1930, Ralph Tyler usou a expressão “avaliação da aprendizagem” ao expressar o cuidado necessário que os educadores precisam ter com a aprendizagem do educando. Luckesi ainda distingue as práticas para esclarecer os termos: examinar como classificação e seleção; avaliar como diagnóstico e inclusão. O autor completa com a constatação que nenhum educando vem à escola para participar de um processo seletivo, ele vem para aprender. E não interessa ao sistema escolar que o educando seja reprovado, interessa que ele aprenda e, por ter aprendido, seja aprovado. Portanto, a avaliação precisa estar a serviço dessa tarefa (LUCKESI, 2011 p.23-24). Como, então, criar um processo de avaliação e autoavaliação (docente e discente)? Luckesi responde estabelecendo três pilares: estar aberto afetivamente a aprender; avaliar o ensino e o instrumento (diagnóstico); e trocar experiências.

O autor nos orienta que tais conceitos poderão ser aprendidos no dia a dia da vida escolar, investigando, experimentando, buscando novas possibilidades, ultrapassando os impasses e incômodos, sempre assentados sobre conhecimentos significativos e válidos. Ainda acrescenta que a avaliação escolar só adquire sentido na medida em que se articula com o projeto pedagógico, e ela nunca terá uma finalidade em si, ela subsidia um curso em ação que visa construir um resultado previamente definido, seu objetivo sempre será servir de base para tomadas de



decisões no sentido de construir com e nos educandos conhecimentos, habilidades e hábitos que possibilitem o seu desenvolvimento.

Precisamos conhecer o mundo dos nossos alunos para melhorar o nosso trabalho. Uma vez que a educação integral pressupõe uma formação totalmente ampliada, além da aprendizagem de conteúdos, pois está fundamentada na formação da pessoa como um todo.

Para muitos de nossos alunos, o colégio é o seu legítimo espaço social, onde frente aos perigos e à estrutura da vida moderna, ele interage, ele se desenvolve em um modelo real e não virtual. Que façamos de nossos momentos de ensino e aprendizagem momentos de crescimento intelectual e pessoal. Que nosso contato e interação entre os grupos sejam momentos livres do medo, da coerção e de todos os sentimentos que contaminam o processo educativo.

O que foi possível compreender com a pesquisa é que ainda não conseguimos alcançar os benefícios de uma avaliação do ensino e da aprendizagem, à qual nos orientam os autores estudados e o PEC (2016). De fato, o medo ainda se mostra presente no modelo de avaliação, o valor de câmbio ainda é forte na concepção dos alunos e a memorização é um recurso preponderante na forma como eles estudam, pois ele ainda traz bons “resultados”, mas em detrimento disso, habilidades de grande valor são esquecidas.

Em nosso colégio já percebemos a ação de alguns professores que começam a se abrir para uma avaliação mais processual, como um instrumento de aprendizagem de conteúdos e de desenvolvimento da autonomia do aluno – vendo o seu desenvolvimento como centro do processo. Por exemplo, já em andamento, podemos observar práticas inovadoras de professores que aplicam uma avaliação em duplas com o objetivo de construir juntos um fechamento das discussões realizadas por meio de um trabalho de síntese. Com essa prática, em duplas, um aluno pode ajudar o outro com a supervisão do professor, construindo um material de registro autônomo. Outro exemplo é o da avaliação baseada em etapas, na qual o aluno é respeitado em seu tempo para concluir cada uma delas e avançar – trabalham sempre em grupos e é possível ir além dos objetivos iniciais. Um último relatado aqui, mas não o último em andamento no colégio, é o que os professores diversificam ao máximo os modelos de avaliar dentro do trimestre – com a finalidade de valorizar os talentos dos alunos – e, ao final, os alunos avaliam o processo de ensino e de sua própria aprendizagem, tendo como meio o instrumento chamado “Aprendendo com a

prova” e, assim, assumem o seu papel de protagonistas no seu processo, cientes das qualidades de suas produções ou de problemas, são estimulados a traçar novas rotas a partir do resultado gerado no documento.

Nas práticas relatadas, a Cura Personalis, onde ganha quem está dando e quem está recebendo, e o Magis, que é a busca por melhorias, as tornam profundas e transformadoras e entram em comunhão com os preceitos da Pedagogia Inaciana, mais perto da formação integral que tanto almejamos.

O tempo que levamos dizendo que para haver alegria na escola é preciso primeiro mudar radicalmente o mundo é o tempo que perdemos para começar a inventar e a viver a alegria. (FREIRE, 1993, p. 10)

Pensamos que é importante estimular a pesquisa do professor, possibilitar a avaliação da sua própria prática e encontrar possibilidades que trarão luz para o caminho do educando e que darão cada vez mais sentido à aprendizagem e, conseqüentemente, para o seu próprio caminho de educador do novo milênio.

Finalizando a nossa reflexão, de acordo com os autores estudados neste artigo, são iniciativas como essas que vão nos levar à redescoberta da alegria de aprender, a preparar os nossos alunos para um mundo onde eles vão aprender durante toda a vida, em qualquer lugar, e de forma coletiva. Um mundo que estará buscando novas competências e quem tiver o gosto por aprender já estará um passo adiante.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco; EINSENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana Graciela Bruno (Org.). **Vivendo esse mundo digital**: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2013. 335 p.

ARRUPE, Pedro. **Nossos colégios hoje e amanhã**: Alocução final aos participantes do Simpósio sobre o Ensino Médio. Roma, 13 set. 1980. Disponível em: <file:///C:/Users/clauidiaa/Downloads/NossosColegiosHojeAmanha%20(1).pdf>.

Acesso em: 12 de mar. 2019.

BAUMANN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

EIDT, João Renato SJ; SÜNDERMANN, Mário. **PEC**: projeto educativo comum, trilhando um caminho de renovação. São Paulo: Loyola, 2016. 108 p.

ESTEBAN, M. T. Avaliar: ato tecido pelas imprecisões do cotidiano. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Novos olhares sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 175-192. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0611t.PDF>>. Acesso em 12 mar. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. [24. ed.]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 165 p. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. In: SNYDERS, Georges. **Alunos felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. São Paulo: Paz e Terra, 1993. p. 9-10.

GUERRA, Miguel Angel Santos. **Uma flecha no alvo**: a avaliação como aprendizagem. São Paulo: Loyola, 2007. 134 p.

\_\_\_\_\_. Dime como evalúas (en la universidad) y te diré que tipo de profesional (y de persona) eres. **Tendencias Pedagógicas**, [S.l.], v. 6, p. 89-100, oct. 2015. ISSN 1989-8614. Disponible en:<<https://revistas.uam.es/tendenciaspedagogicas/article/view/1809>>. Acesso em 15.02.2019.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação mediadora**. 34. ed. Porto Alegre: Editora Mediação. 34ª Edição. Porto Alegre, 2018. 192 p.

LÉVY, Pierre; COSTA, Carlos Irineu da (Trad.). **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. 260 p. (Coleção Trans).

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 272 p.

MERIJE, Wagner. **Mobimento**: educação e comunicação mobile. São Paulo: Peirópolis, 2012. 123 p.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 222 p.

USAR la evaluación en el aula para mejorar. Altablero. Bogotá, n. 44, Enero-marzo 2008. Disponible en: <https://www.mineducacion.gov.co/1621/article-162385.html>. Acesso em: 09 fev. 2019.

NOGUEIRA, Gustavo et al (2018). **ZEITGEIST Aprendizagem 2018**: conheça os 12 movimentos que estão transformando o presente e norteando o futuro da aprendizagem. Disponível em: <<https://medium.com/toruscx/zeitgeist-aprendizagem->

2018-conhe%C3%A7a-os-12-movimentos-que-est%C3%A3o-transformando-a-  
educa%C3%A7%C3%A3o-a6934c8d1678> Acesso em: 12 mar. 2019.

---